

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

FEIJÃO 1ª SAFRA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Com tranquilidade, os agricultores paranaenses semeiam as lavouras da principal leguminosa consumida pelas famílias brasileiras. Cerca de 7% da área produtiva de feijão foi plantada, mostram os números do levantamento semanal do DERAL/SEAB. O setor produtivo do feijão encontra-se em um período sem oferta do grão, pois a colheita inicia somente em dezembro. Até lá, o mercado será abastecido com o produto oriundo de outras unidades da federação.

De acordo com os técnicos do DERAL/SEAB, a média dos preços recebidos pelos agricultores em agosto, para o feijão classe cores, foi de R\$ 192,69/sc 60 kg, e o classe preto, R\$ 225,37/sc 60 kg. O preço médio no varejo para o feijão cores, em agosto, foi de R\$ 6,84/kg, e o feijão tipo preto, R\$ 6,30/kg.

De acordo com o último Boletim de Conjuntura Agropecuária da CONAB, “a tendência é de preços mais em conta com o avanço da colheita da 3ª safra. No entanto, os produtores empresários adotam a estratégia de escalonar as vendas, como forma de manter os preços atuais ou, até mesmo, evoluir os valores”.

FRUTICULTURA - ABACAXI

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O abacaxi é a oitava fruta mais produzida no mundo, tendo sido colhidas 27,9 milhões de toneladas em 2018 (3,2% de 867,2 milhões – FAOSTAT). O Brasil, com 2,7 milhões de toneladas, é o terceiro produtor mundial e responde por 9,5% do total. A Costa Rica lidera com 12,2%, Filipinas (2º), Tailândia (4º) e China (5º), respondem por 9,8%,

7,6% e 7,2%, respectivamente. Nas exportações e importações globais, é a décima quarta fruta em importância, participando com 2,6% dos US\$ 79,9 bilhões das trocas da fruticultura em 2017.

O Brasil, mesmo sendo um dos principais produtores, tem participação irrisória no mercado mundial, figurando como o 31º exportador, com 3,8 mil toneladas e US\$ 2 milhões de receitas. Na fruticultura brasileira, o abacaxi é cultivado em 71,5 mil hectares, sendo a terceira fruta em volumes colhidos (3,4 milhões de toneladas) e em Valor Bruto da Produção – VBP da fruticultura nacional (R\$ 2,1 milhões), segundo levantamento do IBGE em 2018. (FRUTI/BR: 2,3 milhões de ha; 40,9 milhões de t. e R\$ 33,5 milhões - IBGE).

O Pará (21,2%), Paraíba (16,7%), Minas Gerais (14,1%) e o Rio de Janeiro (10,4%) participam com 62,4% das colheitas nacionais.

O Paraná responde somente com 0,7% da produção brasileira. No entanto, nos municípios onde é explorado, a atividade se reveste de importância, pois gera emprego e renda, utilizando mão-de-obra intensiva nas diversas fases do cultivo. A área colhida foi de 585 ha em 2019 (preliminar), para uma produção de 15,8 mil toneladas. Nos últimos dez anos, houve incremento de 14,5% na área e colheitas estáveis. O VBP foi de R\$ 21,3 milhões.

São 435 produtores com área média de 1,36 ha, abrangendo desde agricultores familiares até empresariais. A produção estadual está concentrada no Noroeste (81,6%), e o município de Santa Mônica é o principal produtor (23,8%). Santa Izabel do Ivaí, contígua, é o segundo (23,1%).

Nas unidades paranaenses da CEASA foram comercializadas 47,2 mil toneladas de abacaxis em 2019, provenientes principalmente de Minas Gerais

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

(51,4%) e Pará (19,6%), a um preço médio de R\$ 1,84/quilo.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Depois de uma semana de muita chuva, o período de 24 a 28 de agosto foi altamente favorável tanto à colheita quanto ao plantio da nova safra de 2020/21. Com o clima favorável às atividades de campo, observou-se que os produtores concentraram os trabalhos no plantio em detrimento da colheita.

Assim sendo, a plantação de mandioca no Noroeste do Estado está praticamente concluída e, nas demais regiões, o trabalho se intensifica a partir de setembro, devendo se estender até meados de novembro.

O cultivo de mandioca exige grande quantidade de mão de obra, em especial na colheita. Até a presente safra, ela ainda é realizada manualmente. É importante lembrar que os trabalhos de pesquisa já estão bastante avançados, porém ainda não se desenvolveu uma máquina que possa substituir totalmente o trabalho do homem. Na colheita deste ano, a pandemia provocada pelo novo coronavírus impactou diretamente no transporte dos trabalhadores, exigindo maiores cuidados com o distanciamento, levando menor número de pessoas por viagem e, conseqüentemente, elevando os custos.

A pandemia trouxe conseqüências ainda mais drásticas para a comercialização dos produtos da mandioca. A fécula teve a sua demanda reduzida, principalmente devido à paralisação de muitas indústrias que utilizam o produto. Durante boa parte destes cinco meses afetados pela pandemia, as

maiores vendas foram destinadas para o consumo da indústria alimentícia, principalmente a panificação e a tapioca.

Na última semana, a fécula, no atacado, foi comercializada em média por R\$ 54,00/sc de 25 kg, contra R\$ 48,00/sc de 25 kg no período anterior. Esta reação pode ser atribuída a uma gradativa entrada em funcionamento de algumas indústrias após esses meses de paralisação.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Com condições de clima favoráveis na maior parte dos últimos dias, o plantio do milho primeira safra no Estado do Paraná evoluiu, chegando a 9% da área estimada de 359 mil hectares. Já as condições dessas lavouras são 99% boas.

Nesta safra, as maiores regiões produtoras são: Ponta Grossa, com 19% do total, seguido pela região de Guarapuava, com 15%, e Curitiba, com pouco mais de 14% do total da área. Estes três Núcleos Regionais têm quase 50% de toda a área plantada e 51% da produção estimada.

Já a segunda safra de milho no Estado caminha para a reta final. Nesta semana foi contabilizada a colheita de 78% de toda a área, estimada em 2,3 milhões de hectares.

No cenário comercial, o preço médio recebido pelo produtor pela saca de milho de 60kg, no Paraná, superou os R\$ 48,00 e, em algumas praças, foi negociado a preços superiores a R\$ 50,00.

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Nos próximos dias será iniciado o plantio da nova safra de soja no Paraná. O vazio sanitário acaba em 10 de setembro e, na sequência, os produtores já devem iniciar os trabalhos de implantação da cultura. Mesmo com previsões climáticas que apontam um setembro mais seco que o ideal, os produtores torcem para a ocorrência de chuvas que possibilitem a umidade necessária para que os plantios possam ter início.

Segundo os técnicos de campo do DERAL, serão semeados aproximadamente 5,53 milhões de hectares na safra 2020/21. Em comparação com o ciclo anterior, o aumento é de 1,2% ou pouco mais de 65 mil hectares. A produção estimada é de 20,38 milhões de toneladas. Nesta semana, os preços pesquisados pelos técnicos de campo do Deral apontaram que a saca de soja foi comercializada por aproximadamente R\$ 115,00, valor 2% superior ao da semana anterior e 75% superior ao do mesmo período do ano passado.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

A estiagem foi o principal fator dos impactos climáticos na produção agrícola no Paraná, no período de fevereiro a agosto de 2020. Entre 12 e 20 de agosto, no entanto, houve o retorno das chuvas em todo o Estado. De acordo com as estações meteorológicas do SIMEPAR, foram registradas precipitações mínimas de 11mm a máximas de 230 mm. Entre os dias 21 e 23, ocorreram quedas bruscas nas temperaturas, aumento da umidade relativa do ar e geadas em muitas localidades.

Na semana de 24 a 28 de agosto, os técnicos do DERAL/SEAB efetuaram levantamento estadual no setor da produção de hortaliças, para avaliar o real impacto das últimas chuvas, frio, baixas temperaturas e geadas. De acordo com o relatório dos Núcleos Regionais, foram constatados danos pontuais na produção, transporte, comercialização e abastecimento das hortaliças. Abaixo seguem relatos dos impactos nas principais regiões atingidas no território paranaense.

Apucarana - As perdas, no geral, não foram significativas, e ocorreram em grande parte nas folhosas como alface, almeirão e rúcula, cultivadas a céu aberto. Relatos indicam também prejuízos nas áreas de brócolis, beterraba, couve-flor e couve. Grande parte da produção ainda está sendo aproveitada, comercializando-se maços com maior número de pés.

Ocorreram danos estruturais em algumas estufas de cultivo das hortaliças, causados pelo granizo, mas que não comprometeram a produção. Em relação ao transporte, o excesso de umidade atrapalhou um pouco o escoamento da produção. A comercialização continuou normal e os preços recebidos pelos produtores estão estáveis em relação às semanas anteriores, sem grandes alterações até o momento.

Campo Mourão - No município de Corumbataí do Sul, a chuva em excesso e as baixas temperaturas causaram estrago na cultura da alface, exigindo descarte de algumas lavouras. Já em Quinta do Sol, houve danos em folhosas (alface e couve) e algumas propriedades tiveram 100% de perda, com necessidade de replantio. As cebolinhas tiveram que ser cortadas para rebrotar e os plantios de repolho mais velhos racharam. As estimativas, no geral, são de perdas em torno de 70% nas hortaliças. Em

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

Goioerê, os relatos de perdas foram relativos ao excesso de chuva. Em alguns locais ocorreram chuvas de até 300mm em um período de 8 dias, refletindo em perdas de 50% na produção que estava em campo aberto.

Curitiba - Impacto limitado no setor das hortaliças, sendo as folhosas como alface e couves as culturas mais atingidas. Há relatos de que a ocorrência de temperaturas muito baixas, que atrasaram o desenvolvimento das plantas, afetou a disponibilidade de variedades de hortaliças, bem como provocaram perdas de mudas recém-transplantadas.

De maneira geral, na região metropolitana a geada não foi de intensidade extrema. Para a produção em ambiente protegido (estufas) não há relato de perdas e, em campo aberto, a perda é minimizada, pois nesta época os produtores já têm por hábito fazer a cobertura com as mantas.

Laranjeiras do Sul - As geadas causaram perdas maiores na produção das folhosas. É estimado que de 50% a 60% da produção de alface e couve-flor, pronta para entrega, tenham sido perdidas com as baixas temperaturas, mas não afetando a comercialização e o abastecimento. Os impactos foram grandes e concentrados em algumas espécies, cujo consumo pode ser substituído por similares.

Jacarezinho - As hortaliças que estavam em ponto de colheita tiveram que ser descartadas, pois apodreceram. Ocorreram perdas significativas em folhosas, brócolis e couve flor. O plantio de novas mudas também foi prejudicado e a programação de plantio semanal foi alterada, devido ao fato de não conseguirem preparar os canteiros para o replantio. Em algumas propriedades em Ibaiti, as chuvas provocaram prejuízos financeiros, considerados pelos produtores como moderados. Cerca de 15% da

produção foi de alguma forma comprometida, com atrasos na maturação, perdas por granizo e estragos na infraestrutura das estufas.

Londrina - Relatos de produtores indicam alta nos preços dos produtos, em virtude das chuvas ocorridas na semana de 16 a 21 de agosto. O cultivo de tomate a céu aberto sofreu com a entrada da frente fria, com perdas entre 35% e 40%. Segundo alguns produtores, as lavouras de tomate apresentam rachaduras devido à chuva de granizo, diminuindo a qualidade do produto final. O excesso de umidade também provocou abortamento das flores, o que contribuiu para a queda da oferta.

Ponta Grossa - As espécies afetadas foram ervilha torta, brócolis, alface, couve-flor, couve folha, acelga, rúcula e beterraba. Após o derretimento do gelo e com o excesso de umidade, ocorreu a incidência de doenças, o que gerou ainda mais perdas. É estimada pelos horticultores perda em torno de 15% a 20% da produção, devido à queima pela geada, e redução da qualidade pelo excesso de umidade. Em Reserva, as lavouras de tomate sofreram os impactos decorrentes da baixa temperatura que ocasionaram uma queima de até 4% das mudas a campo, as quais serão replantadas na sequência.

PECUÁRIA DE CORTE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Arroba do Boi Apresenta Novas Altas no Mercado

Os preços da arroba do boi gordo continuam em alta nas principais regiões produtoras do País. A previsão é de que esta tendência continue a curto prazo, devido ao cenário de oferta reduzida de boiada pronta para abate.

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

Além dos preços de mercado mais atrativos, os animais que cumprem as restrições impostas pela China seguem para exportação a valores diferenciados. Os frigoríficos ainda têm encontrado dificuldades para formar suas escalas de abate devido à oferta restrita já citada.

As principais razões para esta oferta mais enxuta são:

- Estiagem em várias praças pecuárias brasileiras (no Paraná, a seca foi de aproximadamente 60 dias, retardando o desenvolvimento das pastagens de inverno e atrasando a engorda dos animais);
- Forte demanda por carne bovina para exportação, principalmente pela China, país que tem demandado cada vez mais proteínas de origem animal;
- Acréscimo nos preços da soja e do milho (fator que onerou os custos de produção e reduziu o volume de boiada de confinamento);
- As incertezas econômicas geradas pelo cenário mundial de pandemia também contribuíram de certa forma para uma redução na engorda de animais;
- Retenção de matrizes, impulsionada pela valorização das categorias de reposição.

Cotações da Arroba no Paraná

Assim como no restante do País, o preço da arroba bovina tem se elevado no Estado do Paraná. Na comparação com agosto de 2019, o valor médio estadual pago pela arroba bovina, no mês passado, cresceu em 45%, elevando-se de R\$ 150,47 (2019) para R\$ 217,68 (2020). Em relação ao mês anterior (julho/20), o valor da arroba cresceu em 4%, passando de R\$ 209,50 para R\$ 217,68.

Acompanhando as cotações da arroba, os preços dos cortes no mercado varejista também se

elevaram. Na comparação entre agosto de 2020, com o mesmo mês do ano anterior, alguns cortes tiveram altas expressivas, como é o caso do acém (38%), costela (30%), moída de 2ª (31%), coxão-mole (24%), alcatra (16%), paleta (30%) e contrafilé (17%).

AVICULTURA DE CORTE

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Ultimamente, não somente de notícias ruins vive a avicultura de corte. Em 28 de agosto, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) noticiou que as autoridades sanitárias de Hong Kong notificaram a liberação do SIF 601 da Aurora Alimentos, que havia sido temporariamente suspenso para a realização de testes, e comprovaram a ausência de riscos de contaminação por covid-19 na carne de frango produzida pela planta.

O Centro para a Segurança dos Alimentos e o Departamento para Higiene de Alimentos e Meio Ambiente de Hong Kong emitiram, em 28 de agosto, a autorização para retomada nos embarques, após a apresentação de todos os esclarecimentos feitos pelo Ministério da Agricultura do Brasil, com o apoio da cooperativa e da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Em 28 de agosto, comemorou-se o dia do avicultor. Na data, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) divulgou previsão de que a produção de carne de frango poderá alcançar em torno de 13,7 a 13,8 milhões de toneladas em 2020, número 3% a 4% maior em relação às 13,245 milhões de toneladas de 2019. No mercado interno, o consumo também deverá crescer 2,5%, alcançando 43,9 quilos per capita ano.

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

As exportações, impulsionadas pelas vendas para a Ásia, também devem crescer entre 3% e 5%, alcançando até 4,35 a 4,45 milhões de toneladas (equivalente a 35% das exportações globais).

Segundo a entidade maior da avicultura e suinocultura do Brasil, somente neste ano foram exportadas 988,3 mil toneladas de carne de frango para a região asiática entre janeiro e julho, número 12,7% superior ao realizado no mesmo período de 2019, com 876,8 mil toneladas. No total, o Brasil já exportou, entre janeiro a julho de 2020, cerca de 2,471 milhões de toneladas, contra 2,458 milhões de toneladas em 2019, mantendo a alta positiva de 0,5%.

Preços ao Produtor

+ 1,7% no mês: De janeiro a agosto de 2020, o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, cresceu 5,3%, situando-se em R\$ 3,60/kg. Já em relação ao mês de julho, a alta foi de 1,7%.

+ 16,9% no ano: Considerando-se agosto de 2019, o preço do frango vivo ao produtor ficou 16,9% maior.

Preços no Atacado

+ 2,2% no mês: O preço do frango resfriado, no atacado, em agosto de 2020, postou-se 2,3% maior que aquele vigente em janeiro de 2020 (R\$ 5,96/kg). Já em relação a julho, houve uma valorização de 2,2%, ficando o valor fixado em R\$ 6,13/kg.

+ 18,3% no ano: Considerando-se agosto de 2020 em relação a igual mês de 2019, o preço do frango resfriado está 18,3% maior.

Preços no Varejo

+ 2,3% no mês: De janeiro a agosto de 2020, o preço do frango resfriado recuou 4,2%, partindo de R\$ 7,87/kg (janeiro) e chegando a R\$ 7,54/kg (agosto). Já em relação a julho, recuperou-se 2,3%.

+ 2,2% no ano: Em relação a agosto de 2019 (R\$ 7,38/kg), o preço do frango inteiro resfriado está 2,2% maior em agosto de 2020 (R\$ 7,54/kg). Já quando se analisa os preços médios de alguns cortes, tem-se (agosto/julho): peito com osso (+3,3%) e coxa-sobrecoxa com osso (- 6,8%).

Referência: SEAB/DERAL/DEB

Exportação brasileira de carne de frango retrai 12,3% em faturamento e 0,3% em volume

Segundo o Agrostat Brasil, em nível nacional, nos primeiros sete meses de 2020 as exportações de carne de frango reduziram-se 12,3% em faturamento e 0,3% em volume. O faturamento atingiu a cifra de US\$ 3,584 bilhões, representando uma retração próxima de 12,3% em relação ao acumulado de 2019 (US\$ 4,085 bilhões).

Em termos de quantidade exportada também se observou queda, ainda que de apenas 0,3% (2019: 2.423.005 toneladas e 2020: 2.414.741 toneladas). No período, o País exportou 98% de carne de frango na forma “in natura” (inteiros e cortes) e apenas 2% na forma de industrializados (50.190 toneladas).

No período de janeiro a julho do ano corrente, observou-se uma retração de 1,7% no volume de carne de frango “in natura”: 2020 (2.364.551 toneladas) e 2019 (2.364.957 toneladas). Em faturamento, a queda foi de 11,9% (2020: US\$ 3,448 bilhões e 2019: US\$ 3,912 bilhões). O menor faturamento teve maior contribuição do recuo de

Boletim Semanal* – 18/2020 – 04 de setembro de 2020

11,9% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2019: US\$ 1.654,33/tonelada e 2020: US\$ 1.458,13/tonelada), fato que tem ocorrido nos últimos anos.

Os principais destinos da carne de frango brasileira foram (volume e faturamento): China (406.644 toneladas e US\$ 790,081 milhões), Arábia Saudita (244.995 toneladas e US\$ 360,316 milhões), Japão (243.014 toneladas e US\$ 413,262 milhões), Emirados Árabes Unidos (173.157 toneladas e US\$ 251,201 milhões), África do Sul (142.736 toneladas e US\$ 63,304 milhões), Hong Kong (92.343 toneladas e US\$ 145,026 milhões), Cingapura (79.861 toneladas e US\$ 126,563 milhões), Kuwait (72.992 toneladas e US\$ 100,226 milhões), e Países Baixos (70.705 toneladas e US\$ 141,315 milhões).

No Paraná, no período em análise, verificou-se crescimento em volume (13,5%), porém queda de 10,1% em faturamento. Os números foram (janeiro a julho): 2019 (volume: 954.433 toneladas/faturamento: US\$ 1,572 bilhão) e 2020 (volume: 969.737 toneladas/faturamento: US\$ 1,412 bilhão). Também para o produto paranaense, houve redução de 9,4% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2019: US\$ 1.654,53/tonelada e 2020: US\$ 1.456,20/tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador), continua a destacar-se no contexto nacional, com participação de 40,2% do volume exportado pelo Brasil e com 39,4% da receita cambial (US\$), tendo como outros principais produtores e exportadores os estados de Santa Catarina (24,0%: volume e 25,6%: faturamento) e Rio Grande do Sul (16,2% do volume e 15,0%: faturamento).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

[https://instagram.com/deralseabpr](https://www.instagram.com/deralseabpr)

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!